



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Gasoduto Sudeste-Nordeste (Gasene)**

Itabuna-BA, 26 de março de 2010

Meus companheiros e companheiras da nossa querida cidade de Itabuna,

Meus companheiros e minhas companheiras do estado da Bahia,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Senhor embaixador Qiu Xiaoyi, embaixador da China no Brasil,

Senhora Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Geddel Vieira, ministro da Integração Nacional,

Meu caro Carlos Henrique Gaguim, governador do estado de Tocantins,

Meu caro senador César Borges,

Companheiros deputados federais: Alice Portugal, Geraldo Simões, João Carlos Bacelar, José Rocha, Lídice da Mata, Mário Negromonte e Maurício Trindade,

Meu caro companheiro Paulo Sérgio que, na semana que vem, estará ministro dos Transportes,

Meu caro José Nilton Leal, prefeito de Itabuna,

Senhor (incompreensível), presidente da empresa chinesa de produção de petróleo e química,

Meu caro companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Dom Ceslau Stanula, bispo diocesano de Itabuna,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Nosso companheiro Antônio Sérgio Santana, diretor em exercício da área de Serviços da Petrobras,



Nosso querido companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,
Davidson Magalhães, presidente da Bahiagás,

Nosso querido companheiro José Lima de Andrade Neto, presidente da
Petrobras Distribuidora,

Meu caro companheiro João Antonio de Moraes, coordenador nacional
da Federação Única dos Petroleiros,

Minhas queridas e meus queridos companheiros trabalhadores do
Gasene,

Companheiros e companheiras da Petrobras,

Companheiros e companheiras da imprensa,

Eu, na verdade, até por uma questão de cuidado, não vou falar do
Gasene porque já falou aqui o Gabrielli, já falou o Wagner, já falou a ministra
Dilma Rousseff. Se o Embaixador chinês falasse português como eu falo
chinês, eu ia dar a palavra para ele, mas ele ainda não fala português como eu
falo bem chinês. Então, vai ficar para um outro momento.

Eu acho o dia de hoje um dia marcante. Fazia oito anos que eu não
vinha a Itabuna há oito anos. Eu vim muitas vezes a Itabuna. Mas fazia oito
anos que eu não vinha, porque eu fui eleito presidente da República e,
certamente, eu parava mais em Salvador, quando eu venho à Bahia. É mais
fácil levar os prefeitos lá do que o Presidente visitar todas as cidades.

Entretanto, hoje é um dia especial. Sabe o companheiro José Sergio
Gabrielli, sabe a ministra Dilma, e sabe o ministro [governador] Wagner, que
era ministro na época, que a decisão de fazer este gasoduto com a China foi
uma decisão ideológica. Nós já tínhamos um estudo e um trabalho avançado
com o banco japonês – o JBIC – para financiar a obra, quando, em 2004, lá na
Granja do Torto, eu e alguns ministros fomos discutir se a gente ia fazer
parceria com a China ou se a gente ia fazer parceria com o Japão. Nós
entendíamos que era necessário o Brasil se aproximar da China, e era preciso



construir uma parceria estratégica entre Brasil e China. E foi a única vez, a primeira e última vez que eu fiz uma votação no Ministério: Quem era favorável à China e quem era favorável ao Japão. E a China ganhou por quatro a dois, e nós fizemos a parceria com a China.

Agora, os chineses não são fáceis. Você vê, a cara do embaixador é uma cara muito simpática; a cara dos diretores das empresas... Mas chinês é duro na negociação! Pense em uns cabras duros! Eles realmente negociam com a alma, com o pé, com o coração, e são duros na queda. Acontece que eles encontraram diante deles a Petrobras, que, em se tratando de dureza, não fica devendo nada a nenhum chinês, em nenhum país do mundo.

Essa obra, havia quem acreditasse que essa obra não fosse sair, havia quem acreditasse: “Porque esse Lula... Como é que esse Lula vai gastar 7 bilhões, 7,2 bilhões enterrando cano embaixo da terra, não dá nem para colocar o nome dele numa placa”, porque é uma obra difícil. Entretanto, essa obra significa mais um degrau na conquista da independência do Nordeste brasileiro, ou seja, nós não estamos tirando nada de nenhum lugar do Brasil, nós apenas estamos dando ao Nordeste brasileiro, a mesma oportunidade de se desenvolver que já tiveram o Sul e o Sudeste deste país.

Eu saí de Pernambuco com sete anos de idade para ir para São Paulo, e a vida inteira... a vida inteira eu ficava irritado, porque as pessoas acham que nordestino vai para São Paulo só para ser pedreiro. As pessoas acham que estão elogiando a gente, quando falam: “Está vendo, está vendo, aquela ponte é o nordestino que construiu. Aquele asfalto é o nordestino que construiu”, como se nós quiséssemos ser apenas pedreiros ou ajudante de pedreiros. Não! Nós agora queremos ser engenheiros, queremos ser médicos, queremos ser os projetistas da obra. É por isso que nós precisamos desenvolver o Nordeste brasileiro, para que o país seja tratado de forma igualitária, que todo mundo tenha direito às conquistas deste país, porque o Nordeste aparece nos indicadores do IBGE, [como] a região que tem mais analfabetos, a região que



tem mais mortalidade infantil, a região que tem menos mestres, que tem menos doutores, que tem menos pesquisadores. E isso está acabando. Por que está acabando? Porque nós estamos fazendo mais universidades no Nordeste. Só aqui na Bahia foram três unidades novas que nós estamos fazendo, estamos fazendo mais escolas técnicas no Brasil inteiro.

Veja que engraçado: eu não sei se a imprensa do Nordeste já sabe, mas esse que vos fala, que é o único presidente da República que não teve diploma universitário no Brasil, já é o presidente que mais fez universidades na história deste país.

Em cem anos, toda a elite brasileira fez 140 escolas técnicas. Em cem anos, desde 1909 até eu chegar ao governo, toda a elite brasileira – fazendeiro, advogado, professor, cientista político – todos que governaram o Brasil, em cem anos, fizeram 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas.

Além, além do ensino fundamental – só para vocês terem ideia –, quando eu cheguei ao governo, em 2004, tinha uma coisa chamada Olimpíada de Matemática no Brasil. Só participava escola privada. Tinha 274 mil alunos que participavam da Olimpíada de Matemática; a Argentina tinha 1,2 milhão de pessoas que participavam; os Estados Unidos tinham 6 milhões que participavam. Aí – o Tarso Genro era ministro da Educação –, eu falei: Tarso, vamos fazer a Olimpíada de Matemática na escola pública? Aí aparecem aquelas pessoas azedas: “Ah, não vai dar, criança pobre não vai participar de Olimpíada. Na escola pública, não vai dar certo”. Pois bem. Em 2004 fizemos as inscrições. Em 2005, se inscreveram 10 milhões de crianças. Em 2006 tinha eleição, a Justiça Eleitoral não deixou nem colocar um cartaz na escola, achando que era propaganda política, e se inscreveram 14 milhões de crianças. Em 2007 se inscreveram 17 milhões de crianças. E agora nós tivemos, em 2009, 19,3 milhões de crianças participando da Olimpíada de Matemática. Eu acho que nós temos até mais do que a China, agora,



participando em Olimpíada de Matemática. Mais do que a China, mais do que o Japão, mais do que os Estados Unidos. Por quê? Porque na hora em que as pessoas mais humildes têm uma oportunidade, elas pegam com as duas mãos, e vão levar as coisas para valer.

Neste país, acabou aquela história de que pobre não tem interesse, pobre não quer, pobre não gosta. O que o pobre não tinha era oportunidade, era alguém... Quando nós criamos o Prouni, sabe qual é o discurso que a elite fazia contra a gente? “O Lula está nivelando a educação por baixo. Ele quer colocar pobre da periferia na universidade. Vai baixar o nível da Educação”. Pois bem. Hoje, nós já temos quase 650 mil jovens da periferia, 40% negros, jovens da periferia na universidade. E quando o MEC faz um teste, os melhores alunos são exatamente do ProUni, os pobres da periferia que estão chegando à universidade.

Este país não para mais. Este país não para mais e não tem mais volta, porque nós aprendemos a gostar de nós. Eu digo sempre: a gente é pobre, mas a gente tem orgulho e vergonha na cara. A gente não quer desrespeitar ninguém, nós apenas queremos ser respeitados.

É por isso que este país ganhou a Copa do Mundo, em 2014. É por isso que nós fomos a Copenhague e ganhamos do Japão, dos Estados Unidos e da Espanha, o direito de fazer a Olimpíada de 2016 aqui neste país. É porque nós não queremos ser tratados como cão vira-lata, nós não queremos ser tratados. Nós queremos ser respeitados. Nós queremos mostrar que nós temos orgulho, nós temos autoestima, que nós haveremos de fazer deste país uma grande nação, generosa, desenvolvida, geradora de empregos, geradora de oportunidades, humanista, uma sociedade fraterna, onde as pessoas se deem as mãos, se autoajudem.

A Petrobras, antes de nós chegarmos à Presidência da República, antes de este companheiro virar presidente, a Petrobras, com todo o seu potencial, tinha mania de empresa tacanha, de empresa pequena, vivia perdida nos



vazamentos de oleodutos que tinha (incompreensível) deste país. Por que a Petrobras mudou? Não foi apenas pela entrada do Gabrielli ou desta diretoria. É porque a gente tomou a atitude de fazer investimento em pesquisa, e hoje nós investimos em pesquisa cinco vezes mais do que era investido. Não pensem que a gente achou o pré-sal a 7 mil metros de profundidade porque Deus é mais brasileiro. Se bem que eu acho que é mesmo, se bem que eu acho que... Eu, a cada vez que vejo um quadro de Deus, uma fotografia, uma pintura, eu fico pensando: ele tem a cara de brasileiro, tem a cara... e, se duvidar, nasceu aqui no Nordeste. Se duvidar, nasceu por aqui.

Pois bem, não é por isso. É porque nós investimos em pesquisa, nós investimos em pesquisa. Eu, agora, companheiros, só tenho um cuidado, porque a Petrobras vai pegar petróleo a 7 mil metros de profundidade. Vocês não têm noção: são 2 mil metros de água, 3 mil metros de rocha e mais 2 mil metros de sal. Eu estou falando para o Gabrielli: os chineses que tomem cuidado, os japoneses, porque qualquer dia essa broca da Petrobras traz um chinesinho lá do fundo, ou traz um japonês, porque daqui a pouco ela está furando o Planeta. Então, a Petrobras precisa só tomar cuidado, investir mais em tecnologia, para não atacar os nossos companheiros lá de baixo.

Portanto, essa obra, para nós, ela é marcante, porque ela traz para o Nordeste a mesma possibilidade de ter energia limpa, mais barata do que a energia que a gente tinha com o óleo diesel. A indústria vai poder produzir mais e a gente vai se tornar cada vez mais autossuficiente em outras fontes energéticas. Essa é uma coisa.

A outra coisa, que eu vim aqui, é porque nós publicamos o edital de licitação da Ferrovia Oeste-Leste. É assim que se fala? Não é Leste-Oeste, é Oeste-Leste? Eu sei que ela vai daqui de Ilhéus até Aguiarnópolis, lá em Tocantins. Mas ela vai, primeiro, fazer o trecho da Bahia, primeiro é o trecho da Bahia, para que a gente pegue toda a produção de Caetité, a produção de Barreiras, e a gente possa trazer para o porto que nós vamos fazer em Ilhéus,



porque não é só a ferrovia, é a ferrovia e tem que ter um porto aqui, para quê? Para poder receber mercadoria e para poder levar a mercadoria que o povo da Bahia produz, para vender para o chinês comer, para o japonês comer, para o alemão comer, para todo mundo comer, e também para nós, do Sudeste, comermos um pouco do feijão produzido lá em Irecê, com o processo de irrigação do Baixio de Irecê, que nós vamos inaugurar, uma parte já foi inaugurada.

Ontem, Jaques Wagner, já foram licitados mais 7 mil hectares lá do Projeto Salitre, em Juazeiro. Mais 7 mil hectares foram licitados, para a gente fazer irrigação, para que as pessoas possam produzir mais alimentos, com mais qualidade, para chegarem mais baratos à mesa de cada mulher e de cada homem deste país.

Mas, também... Aí o Wagner falou assim para mim... Um radialista de Itabuna perguntou: "A BR-415?" Não é só a BR, é que o entorno aqui de Itabuna está chinfrim, e também de Ilhéus. É preciso fazer a rodovia e fazer o contorno, para a entrada da cidade ficar bonita, para a cidade de Ilhéus ficar bonita, porque nós precisamos cuidar, e isso vai entrar no PAC, isso já vai entrar no PAC II. Então, companheiros, depois nós vamos a Ilhéus também assinar contratos para mais 3.170 casas populares, que vai ser assinado o contrato hoje, do programa Minha Casa, Minha Vida.

A Bahia tem direito a 80 mil casas. Das 80 mil casas, a Bahia tem uma maioria de 0 a 3 salários mínimos. Quando for na segunda-feira, nós vamos anunciar um outro programa para fazer mais 2 milhões de casas no programa Minha Casa, Minha Vida, ou seja, nós vamos acabar com o maldito déficit habitacional desse país em poucos anos.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu, na verdade, na verdade, quero agradecer do fundo do coração e quero dizer para vocês que nós precisamos aprender apenas para que a gente se cuide corretamente. Nós precisamos aprender a separar o ato institucional de um ato político,



porque senão, sabe o que acontece? A gente vem aqui, no dia seguinte, a manchete do jornal é: “fulano foi vaiado, fulano foi criticado”. Não sai uma nota do que a gente veio fazer aqui. Então, não é correto isso. Veja, politicamente o povo tem direito de fazer... o Geddel tem sido um companheiro que tem contribuído com o governo...

Então, eu penso que nós precisamos apenas levar em conta isso. A gente não é obrigado a gostar de todo mundo. A gente, na época da eleição... Eu, quando era mais novo, o Corinthians ia disputar a final do campeonato, às vezes, eu tinha muitos companheiros palmeirenses, santistas [que] iam lá em casa ver o jogo comigo, a gente quase se pegava de tapa....quase. Era uma desgraça. Hoje eu estou de barba branca, assisto ao jogo com palmeirense, com são paulino, com torcedor do Vitória, do Bahia. Não importa quem faça gol, eu não brigo mais. Depois do jogo, nós continuamos a amizade. A eleição é apenas um ato político na vida da gente. Depois da eleição, nós não temos que brigar mais, nós temos que governar, porque é para isso que o povo tem eleito o povo brasileiro. Por isso, meu caro companheiro, Jaques Wagner, eu quero dizer para você da alegria, da alegria de estar aqui e do conforto que eu tenho de ter um companheiro meu, sindicalista, provando que a Bahia precisava de alguém mais comprometido com o povo da Bahia para poder a Bahia dar certo e ser mais democrática.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês e até a próxima volta a Itabuna.

(\$211A)